

Apresentação

Esta reunião demarca um encontro,
De um passado que permanece presente,
com um futuro que, embora construído no dia a dia,
exige uma definição de perspectivas, pois muitos são os percursos possíveis,
e é necessário muito esforço e investimento para atingir o caminhar que o grupo sonha e deseja.

De que grupo estamos falando?

De um Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, que cresce e se desenvolve, com pouca formalização, há mais de 30 anos (minhas primeiras fotos do grupo são de 1977...).

Entendendo a Universidade como uma Comunidade de Ensino/Aprendizagem, nele vem sendo formados profissionais, pesquisadores e docentes, que atuam em políticas públicas e práticas sociais.

Tornou-se conhecido através das pessoas que formou, da abordagem teórico-metodológica que vem desenvolvendo e do rico acervo de publicações e materiais que já produziu.

Seu desenvolvimento e sua ampliação/diversificação conduziram à divisão em subgrupos cada vez mais extensos, com reuniões de estudo e pesquisa em separado. Com isso, os membros do CINDEDI passaram a se encontrar e discutir os trabalhos uns dos outros apenas nos Encontros Científicos anuais.

A ausência de um Projeto Temático, financiado pela FAPESP, que tivemos por três períodos consecutivos de quatro anos de duração, favoreceu essa dificuldade de integração. O Projeto Temático exigia a articulação em torno de um tema. E os relatórios anuais e a proposta de um novo Temático exigiam um trabalho coletivo muito bem integrado.

XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI:
“Nós hoje e daqui pra frente: Histórias e Perspectivas”

13 a 16 de Fevereiro de 2012 - FFCLRP-USP



Um avanço tecnológico, introduzindo o uso e o barateamento do notebook/laptop, tornou menos necessário o uso de espaços coletivos, como sala de computação e biblioteca, que propiciavam muitas trocas e ensinamentos entre estudantes veteranos e novatos.

No entanto, o reconhecimento do CINDEDI enquanto um Centro ativo de formação, pesquisa e extensão continuou crescendo. Os Encontros Científicos, nos últimos anos organizados pel@s estudantes, com o competente apoio de Alda e Ronie, são uma clara demonstração de sua grande vitalidade.

XVII Encontro,

tempo de adolescência e de busca de identidade...

tempo de grandes novidades e desafios para os jovens estudantes e pósgraduandos.

tempo de maturidade para as docentes, em que a capacidade e a criatividade competem e trombam com uma imensa sobrecarga de responsabilidades.

tempo de envelhecimento para algumas de nós, quando enfrentamos maior fragilidade e muitos desafios, mas também tempo de maior sabedoria e reconhecimento, quando iniciamos passos para nossa retirada...

Neste momento, olhando para o futuro do CINDEDI, propusemos o tema do XVII Encontro:

Nós hoje e daqui pra frente: Histórias e Perspectivas

Chamamos para participar desse Encontro várias figuras históricas do CINDEDI, que participaram ativamente de sua construção, seja como membros internos¹, seja como convidadas, que mantiveram conosco ao longo destes anos um dialogo estimulante e critico.

A Mesa inicial abre exatamente para o tema **Memórias e Experiências**, com a participação de quem já viveu a experiência de ser Cindediano.

¹ Neste ano, contamos com a participação muito especial de uma cindediana que retornou da Finlândia para passar uns meses conosco. Seja bem-vinda Niina!

XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI:
“*Nós hoje e daqui pra frente: Histórias e Perspectivas*”

13 a 16 de Fevereiro de 2012 - FFCLRP-USP



E na da tarde, as “chefonas” fazem uma reflexão sobre as **Construções teóricas do CINDEDI**.

A terça-feira é toda dedicada a uma parte extremamente importante do Encontro, que é a discussão de cada trabalho de pesquisa apresentado em painel pel@s estudantes, com um debate geral ao final de cada período, divididos por eixo temático.

Na quarta-feira iniciamos com o tema: **O que levamos para a prática das aprendizagens e experiências que tivemos no CINDEDI?**

Em seguida nossas queridas convidadas trazem mais uma importante contribuição para nossa reflexão, participando da mesa **Olhares sobre e Desafios do Cindedi**.

À tarde, temos a mesa **Memórias e Relatos sobre Educação Infantil**, área central de nossa atuação no decorrer destes anos todos.

Essa mesa será seguida de um debate dos painéis apresentados pelas creches da USP, nossas queridas companheiras nesses vários encontros.

A quinta feira vai ser um dia especial de discussão, no qual se pretende concretizar o principal objetivo deste Encontro: traçar as **Perspectivas Futuras do CINDEDI**. Começaremos com uma mesa onde se procurará reunir os pontos levantados, buscando direções futuras.

A seguir, @s participantes serão dividid@s em três grupos de discussão sobre os temas:

1. Ampliação, 2. Objetivos e Projetos, 3. Gestão.

A discussão se estenderá até o almoço. Na primeira parte da tarde, cada grupo fará um relatório para a construção coletiva de um projeto final.

A seguir será feita uma **avaliação do encontro** com estudantes de graduação, mestrado e doutorado.

Como ninguém é de ferro, iremos então para uma confraternização, desta vez numa Pizzaria, pois nossa quituteira se foi...

Finalizando, quero lembrar a homenagem que faremos a nossa querida Alda, na segunda-feira, às 17 horas.

XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI:
“Nós hoje e daqui pra frente: Histórias e Perspectivas”

13 a 16 de Fevereiro de 2012 - FFCLRP-USP



E agradecer muito, em primeiro lugar, ao enorme esforço da equipe organizadora, que teve de enfrentar sozinha várias tarefas, sem o suave, contínuo e sábio apoio de Alda.

Agradecer também a disponibilidade de todos os participantes de virem colaborar conosco neste esforço de traçar novos/velhos caminhos, na contínua (re)construção de nossa identidade enquanto grupo.

Sejam bem-vindos,

Clotilde

Agradecimentos

- À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP;
- Ao Departamento de Psicologia;
- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao CNPq, pelo financiamento, ao longo desses anos, de inúmeros projetos de pesquisa desenvolvidos por pesquisadores do grupo.

	Segunda-feira (13/02)	Terça-feira (14/02)	Quarta-feira (15/02)	Quinta-feira (16/02)
Manhã	8h00 – 09h00: Credenciamento 9h00 – 9h30: Abertura Maria Clotilde Rossetti-Ferreira 9h30 – 12h00: Mesa 1 Memórias e Experiências Márcia R. Bonagamba Rubiano Marisa Vasconcelos Ferreira Telma Vitoria	8h00 – 10h00: Sessão de Painéis Eixo Temático 1: Inclusão Social e Escolar de pessoas com necessidades especiais & Comunicação, linguagem e relações, no primeiro ano de vida 10h00 – 12h00: Mesa 3 Debate dos Painéis Maria Isabel Pedrosa Niina Rutanen Zilma de Moraes Ramos de Oliveira	8h00 – 9h50: Mesa 5 O que levamos para a prática? Ana Cecília Chaguri Ticiane Melo de Sá Roriz Claudia Yazlle; Luciana Rodrigues 10h10 – 12h10 : Mesa 6 Olhares <i>sobre</i> e Desafios <i>do</i> CINDEDI Maria Isabel Pedrosa Carmen Craidy Jaqueline Pasuch Niina Rutanen	8h00 – 9h00: Mesa 9 Nós daqui para frente: Perspectivas Futuras Kátia de Souza Amorim Ana Paula Soares Maria Clotilde Rossetti-Ferreira 9h00 – 11h30: Grupos de Reflexão
Tarde	14h00 – 16h30: Mesa 2 Construções teóricas do CINDEDI Zilma de Moraes Ramos de Oliveira Kátia de Souza Amorim Ana Paula Soares Maria Clotilde Rossetti-Ferreira 17h00: Homenagem Alda	14h00 – 16h00: Sessão de Painéis Eixo Temático 2: Subjetividade, Educação e Infância nos Territórios Rurais e da Reforma Agrária (SEITERRA) 16h00 – 18h00: Mesa 4 Debate dos Painéis Jaqueline Pasuch Marisa Vasconcelos Ferreira Telma Vitoria	13h30 – 14:50: Mesa 7 Memórias e Relatos sobre Educação Infantil Ana Mello Ana Paula Soares da Silva Zilma de Moraes Ramos de Oliveira 15h00 – 16h30: Sessão de Painéis Eixo Temático 3: Educação Infantil – Creches da USP 16h30 – 18h00: Mesa 8 Debate dos Painéis Marisa Vasconcelos Ferreira Maria Cecília Nóbrega de A. Augusto Tatiana Noronha	14h00 – 16h00: Encaminhamentos e Relatório Final do XVII Encontro Científico do Cindedi 16h00 – 17h30: Avaliação Final Letícia Madlum Kátia Colus Ana Cecília Oliveira Silva 18h30: Confraternização

Pesquisa em andamento - Iniciação Científica

OS DIFERENTES RECURSOS DE COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL UTILIZADO POR UM BEBÊ SURDO COM DOIS INTERLOCUTORES EM EPISÓDIOS DE BRINCADEIRA

MANAIA, Manuela M. C.

AMORIM, Kátia de Souza

Esta pesquisa tem por objetivo a partir de um estudo de caso, investigar os diferentes recursos de comunicação não verbal utilizado por um bebê surdo com diferentes interlocutores/cuidadores, em episódios de brincadeira. A escolha por episódios de brincadeiras se deu pois, segundo Bruner, a brincadeira serve, entre outras funções, como veículo de aquisição da linguagem, em que a criança aprende a sinalizar e a reconhecer sinais e expectativas. A estrutura inicial da linguagem, com suas regras, podendo ser vista assim como uma extensão da estrutura presente na interação lúdica, com suas regularidades e padrões. O sujeito pivô do estudo é bebê o Danilo (13 meses) com surdez congênita. A partir dele, elegeu-se dois parceiros de interação – sua avó e uma tia- que são as principais cuidadoras de Danilo. O material empírico foi obtido do projeto *A Constituição de Sujeitos da Linguagem, em Bebês Com e Sem Deficiência Auditiva*. O banco de imagens é referente ao acompanhamento, por seis meses consecutivos, de um bebê com surdez realizando suas atividades cotidianas, na sua casa com a presença de seus familiares. A partir das cenas gravadas, foram selecionados episódios de brincadeira entre o bebê e seus interlocutores, e destes episódios foi realizada uma transcrição microgenética e uma análise das cenas. A análise foi centrada no processo psicológico de comunicação e de apreensão da linguagem em seu curso de (trans)formação. Toda a coleta e análise de dados foram conduzidas tendo por base a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, de modo a apreender a complexidade e dinâmica dos processos analisados. A partir da análise das cenas foi possível observar que o olhar é um recurso comunicativo constante nas interações de Danilo, porém existem diferenças significativas da maneira que Danilo se comunica com a sua avó e com a sua tia. Dependendo do interlocutor Danilo realiza movimentos com o corpo distintos, ele balbucia e vocaliza muito mais com a sua avó do que com a tia, o que leva a uma reflexão do bebê como um sujeito ativo no mundo capaz de realizar escolhas na maneira que interage com as pessoas ao seu redor. Assim como pode-se refletir que o significado dado a esses recursos comunicativos é estabelecido na relação não sendo estático ou universal. Este trabalho tem como meta contribuir para pensar situações de desenvolvimento, no primeiro ano de vida, dialogando com uma série de outras pesquisas em condução pelo grupo.

Apoio: FAPESP

Pesquisa em andamento – Mestrado

REINTEGRAÇÃO FAMILIAR, DO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL AO RETORNO A FAMÍLIA: COMO ESTÁ SE DANDO CONCRETAMENTE ESSE PROCESSO?

SILVA, Fernanda Lacerda

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde

Reintegração familiar é o termo utilizado no âmbito jurídico para se referir ao processo de crianças/adolescentes que retornaram as suas famílias de origem (natural ou extensa) após terem passado por acolhimento institucional ou familiar. Documentos jurídicos que regulamentam a reintegração e a literatura sobre esse tema, enfatizam a necessidade de se investir na família para viabilizar, no menor tempo possível, o retorno seguro ao convívio familiar, mas não indicam como isso deve ou pode ocorrer na prática. Além disso, há um desconhecimento significativo sobre as famílias que sofrem intervenções da Justiça e do Estado. Assim, a partir do referencial da Rede de Significações, esse trabalho de caracterização sócio-demográfica, busca investigar o processo de reintegração familiar de crianças de 0 a 7 anos e seis meses, que passaram por serviços de acolhimento institucional em Ribeirão Preto, correspondentes ao período de Setembro/2008 a Setembro/2010. Para tal, foi realizada a caracterização dessas crianças e de suas famílias, de suas trajetórias de acolhimento e de reintegração familiar, a partir dos autos processuais na Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça e dos prontuários das instituições. Selecionou-se 130 autos processuais, entretanto, somente 50 deles estavam disponíveis para consulta, o restante já havia sido arquivado. Os dados obtidos estão sendo analisados quantitativamente, através de estatística descritiva. Resultados preliminares indicam que, o número total de participantes da pesquisa foi de 50 crianças, sendo 13 grupos de irmãos acolhidos, 36 mães, 29 pais e 36 famílias. Dentre as crianças, 25 são do sexo feminino e 25 do sexo masculino; 62% foram registradas pelos pais juntos; 34% tinham até seis meses de idade; 62% são brancas e 32% afro-descendentes (pardas e negras); 14% vivenciaram acolhimento(s) anterior(es); 88% têm irmãos; 86% têm outros parentes além da família natural. Os principais motivos do acolhimento registrados foram: à negligência (66%), o abandono (34%), a falta temporária de condições, moradia e problemas socioeconômicos (30%), associados ao uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas pelos pais/responsáveis. Verificou-se, ainda, uma significativa ausência de informações sobre a reintegração, sobretudo, a respeito do acompanhamento pós-reintegração; predominância de famílias dirigidas por mulheres; escassez de informações sobre o pai; predominância de crianças brancas reintegradas, enquanto no acolhimento prevalecem às negras ou pardas; um número elevado de crianças recém-nascidas acolhidas e reintegradas; o alto índice de uso de drogas e/ou álcool pelos familiares e a grande maioria das crianças foi encaminhada para família materna. Intervenções que visam à reintegração resumem-se, predominantemente, a entrevistas com as famílias e visitas domiciliares, realizadas pela equipe técnica das instituições e do judiciário. Há muitas omissões de dados, muitas informações não são registradas, ou são registradas de forma extremamente sucinta. Tais resultados revelam a importância de pesquisas que mostrem como o trabalho de reinserção vem sendo feito na prática, como as famílias (não)estão sendo olhadas, a fim de embasar as necessárias adequações nas

Eixo Temático 1: Inclusão Social e Escolar de pessoas com necessidades especiais & Comunicação, linguagem e relações, nos primeiros anos de vida

políticas públicas e no trabalho em rede. Respeitando, assim, as diversas formas de organização das famílias, evidentemente, sem que a criança tenha seus direitos e sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento violados.

Palavras-chaves: reintegração familiar; criança; família; acolhimento institucional.

Apoio: CNPq, CAPES

Pesquisa em andamento - Iniciação Científica

PARTICIPAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM EPILEPSIA

PADUA, Flávia Luvizotto A.

AMORIM, Kátia de Souza

A epilepsia é considerada como o distúrbio neurológico crônico mais freqüente na infância. E, em função de diferentes elementos, vêm sendo discutidas implicações nos aspectos psicossociais da criança/família, dentre os quais, o estigma, assim como dificuldades de aprendizagem e problemas na escolarização. Essa última questão é vista de forma controversa na literatura, apesar de pouco explorada. Assim, este estudo visa investigar a participação escolar de crianças com epilepsia. Para isso, conduziu-se um levantamento de 10% de todos os prontuários de saúde de crianças (4 a 11 anos) com epilepsia, acompanhadas em ambulatório especializado de hospital terciário, nos últimos dois anos. Obteve-se inicialmente uma lista com 1015 registros de pacientes, dos quais 466 tinham entre 4 e 11 anos de idade. Selecionou-se aleatoriamente 10% (46 crianças). À análise dos prontuários, e dos dados clínicos, buscou-se informações quanto à participação escolar dessas crianças, a fim de verificar se freqüentavam e, em caso afirmativo, que tipo de escola as crianças freqüentavam (regular ou especial). Após a análise dos prontuários, foram feitas ligações telefônicas para os familiares dos pacientes cujos prontuários haviam sido analisados, a fim de atualizar alguns dos dados. À análise, no que se refere aos diagnósticos e tratamentos, verificou-se que apenas 04 crianças apresentavam diagnóstico apenas de epilepsia, sendo que 13 do total apresentavam comorbidades neurológicas; 05 apresentavam distúrbios psicológicos e 18 apresentavam outras comorbidades. Com relação à escolarização, verificou-se que 44% frequentam APAE, 33% Escola Regular e 4% não freqüenta escola, sendo que os demais casos (19%) não foi possível identificar. A maioria das crianças (75%) que frequenta a escola especial apresenta quadro clínico com comorbidades mais graves; já em relação às crianças que estão em escola regular, são apresentadas maiores queixas de distúrbios comportamentais pelos familiares. Análise estatística apresentada evidencia que as crianças com epilepsia do serviço avaliado enfrentam significativos problemas de escolarização. A gravidade e expressividade dos dados coletados podem ser decorrentes do fato de que os prontuários analisados são originários de um hospital terciário, sendo possível que a situação mais grave de escolarização dessas crianças se dê em função de que os quadros são mais severos, com o acometimento de outras patologias ou psicopatologias que possam ter implicações nas habilidades intelectuais e de aprendizado dessas crianças. Ainda, a gravidade pode se dar em função de que 60% das crianças em escola regular fazem tratamento com mais de uma droga antiepilética, essas dificuldades podendo estar também relacionadas a efeitos colaterais da medicação. Ou ainda, a forma de cuidado e manejo dessas crianças, abarcando questões como limite - ou a falta de limite - e a superproteção poderiam ter implicações no desenvolvimento e atuação escolar. Para maior esclarecimento dessas questões, futuras investigações qualitativas serão conduzidas, por este mesmo projeto.

Apoio: CNPq, FAPESP

Pesquisa em andamento – Mestrado

OS MODOS DE RELAÇÕES DE BEBÊS QUE VIVEM EM UM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

MOURA, Gabriella Garcia

AMORIM, Kátia de Souza

As práticas de assistência às crianças e aos adolescentes alijados do convívio familiar de origem – sejam por orfandade e/ou por diversas circunstâncias resultantes de más condições de (sobre)vivência – e os seus desdobramentos, no decorrer dos séculos, revelam o desenvolvimento e as mudanças de mentalidade, concepções, políticas, funcionamento e denominações. Resultado de diferentes processos históricos e sociais, as práticas culminaram nos atuais programas sociais de proteção integral, dentre eles, os *serviços de acolhimento institucional* (abrigos). Partindo de uma perspectiva que entende o desenvolvimento humano considerando as inerentes relações estabelecidas com o outro e o ambiente, sendo aquelas mediadas pela linguagem e engendradas num determinado contexto histórico-cultural, nos questionamos: como o bebê alijado da família de origem se relaciona *com e nesse* ambiente? Há especificidades no acolhimento e na construção de relações dessa faixa etária? Assim, a presente pesquisa propôs-se a investigar os modos de construção das relações entre bebês, adultos e outras crianças, procurando compreender *se são* construídos vínculos afetivos nesse contexto; e, em caso afirmativo, de que modo são construídos tais vínculos. Especificamente, a meta é apreender a existência (ou não) do (re)conhecimento de pessoas e parceiros preferenciais para o bebê, no contexto de acolhimento institucional. O estudo foi realizado numa cidade de médio porte do interior de São Paulo. Foram realizadas vídeo-gravações, durante três meses, tendo como foco três bebês, cujos nomes fictícios e idades são Lucas (3 meses); Guilherme (10 meses); e, Rosa (5 meses). Afim de acompanhar a ocorrência de relações e, em caso afirmativo, as mudanças e (trans)formações ocorridas nas formas de se relacionar, tem sido feita uma análise microgenética das cenas, isto é, descrição minuciosa de eventos e acontecimentos de modo a apreender mudanças. A *Rede de Significações*, enquanto instrumento teórico-metodológico, ampara o olhar para a apreensão dos entrelaçados e múltiplos sentidos e a complexidade que se apresentam nas situações. Os resultados parciais indicam que os bebês se utilizam de maneira diferenciada de determinados recursos (como o andar em direção, seguir, aproximar-se ou permanecer ao redor de determinada pessoa; olhar, balbuciar, chorar e sorrir em direção a; estender os bracinhos; dentre outros recursos) nas diversificadas interações de que participam. Estas se dão com pessoas específicas, ocorrendo, prioritariamente, com funcionários do abrigo, ainda que haja outros adultos e voluntários presentes. Tais comportamentos indicam preferências e especificidades, revelando comportamento de possível seletividade na escolha dos parceiros de interação. O mesmo acontece nas interações com as crianças que ali frequentam. Percebe-se que, nos momentos de interação, subjacentes aos cuidados básicos na relação, surgem brincadeiras, sorrisos, entre outras trocas afetivas que envolvem o adulto na história de desenvolvimento, com conquistas e descobertas do bebê, viabilizando a construção de vínculos. Entende-se, portanto, que mesmo nesse contexto institucional, surgem possibilidades de construção de vínculos e apego no contexto de acolhimento institucional.

Apoio: FAPESP

Pesquisa em andamento – Mestrado

O ESTABELECIMENTO DA ATENÇÃO CONJUNTA EM RELAÇÕES DE BEBÊ VIDENTE E DE BEBÊ COM DEFICIÊNCIA VISUAL SEVERA

COLUS, Katia Miguel

AMORIM, Katia de Souza

A atenção conjunta é considerada uma habilidade humana fundamental para estabelecer um conjunto de dimensões básicas no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Refere-se a comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face do outro identificando um terceiro foco de interesse, ou também mostrar e compartilhar objetos com outros. Episódios de atenção conjunta, portanto, podem quase ser denominados de episódios de atenção visual conjunta. Esta capacidade, como dado eminentemente visual, tem sido considerada como crucialmente importante para o desenvolvimento da capacidade interativa do bebê, pois permite o compartilhamento de informações e a percepção da intencionalidade do outro. Entretanto, há pouca quantidade de informação disponível em pesquisas, sobre estes processos, em crianças cegas ou com deficiência visual severa, pois, no campo da psicologia, a maioria dos trabalhos a respeito do desenvolvimento humano tem levado em conta a criança sem perturbações e/ou dificuldades quanto à questão da visão. A meta desta pesquisa tem sido, portanto, investigar se e como se dá o estabelecimento e a manutenção da atenção conjunta, entre um bebê com deficiência visual severa e os adultos videntes em seu entorno e com um bebê vidente com sua família também vidente. Para tanto, observou-se as pistas sensoriais privilegiadas no momento da interação bebê-parceiro. Utilizou-se de estudos de casos múltiplos-exploratórios, preservando-se as características dos ambientes dos bebês e suas famílias. Por ocasião da coleta de dados, os bebês tinham entre 6 e doze meses e nenhum histórico de dificuldades prévias de saúde. Esta deu-se através de videografações, na residência das famílias, em periodicidade quinzenal, com duração aproximada de 50 minutos cada, durante aproximadamente 4 meses. A perspectiva sóciointeracionista permitiu a compreensão dos processos desenvolvimentais que ocorrem nestas situações. Para a análise, considerou-se a abordagem microgenética, com aporte metodológico da Rede de Significações como proposta privilegiada e possibilitadora da compreensão da complexidade dos processos. Partiu-se da seleção de episódios marcados pela construção, estabelecimento e manutenção da atenção conjunta, tanto pelos bebês quanto pelos parceiros circundantes. Para o bebê vidente e seus parceiros, apontamentos iniciais indicam que as pistas sensoriais interativas privilegiadas na construção e estabelecimento da atenção conjunta são visuais, auditivas e verbais, em conformidade com a literatura especializada. Parece haver, para este bebê, uma consolidação da habilidade de atenção conjunta em idade mais precoce do que aquela indicada pela literatura, sugerindo a necessidade de maiores pesquisas. Apontamentos iniciais para o bebê com deficiência visual severa acenam para a presença eficaz de outras pistas sensoriais, tais como táteis, olfativas e gustativas, além das auditivas e verbais, para o estabelecimento e a manutenção da atenção conjunta. Entretanto, maior aprofundamento se faz necessário, para este bebê e seus parceiros, sobre como estas pistas sensoriais são significadas pelos parceiros e de como estes realizam a integração e mediação destas pistas na interação com este bebê, sinalizando a necessidade de maior aprofundamento neste campo.

Apoio: CAPES, FAPESP, CNPq

Pesquisa em andamento - Iniciação Científica

MODOS DE INTERAÇÃO E PRODUÇÃO DE SIGNIFICAÇÕES EM CRIANÇAS COM AUTISMO, EM CONTEXTO FAMILIAR

MENEZES, Luiza Campos

AMORIM, Kátia de Souza

Levando-se em conta que: 1) a maior parte da literatura aborda o autismo a partir dos prejuízos (interação social, comunicação e padrão restrito de comportamento/interesses) presentes no transtorno; e, que 2) uma parcela de autores vem apontando à necessidade de se pensar o autismo para além destas limitações, traçou-se o objetivo deste trabalho. Especificamente, de compreender se ocorrem processos de interação social e produção de significados em crianças com autismo. E, em caso afirmativo, verificar como ocorrem. Definiu-se pela condução de dois estudos de caso. Das duas crianças, concluiu-se a coleta de dados de um dos casos. A criança participante, de cinco anos, recebeu diagnóstico de autismo aos três anos. Foram realizadas videografações da criança nas relações, em contexto familiar. As gravações foram feitas semanalmente, por dois meses, cada dia com uma hora de duração, totalizando oito horas de vídeo. Foi feita ainda entrevista semiestruturada com os pais, para se obter informações sobre o contexto no qual a criança está inserida. As cenas foram mapeadas e transcritas microgeneticamente, indicando-se a minutagem, local onde a criança está, com quem está, se manipula objetos, as ações em cena, além da expressão facial, emissão de som e possíveis significados. A coleta e análise de dados é baseada nos pressupostos da *Rede de Significações*. As cenas evidenciam a presença de comportamentos estereotipados (correr, bater as mãos nas pernas e balançar os braços), estes comportamentos permanecerem ao longo do tempo da coleta de dados. Ainda, a criança mostra-se compreendendo o que a mãe a diz, além de conseguir expressar o que quer e o que não quer. Nestas interações, algumas vezes, ocorrem atividades lúdicas (brincadeiras nas quais a mãe o gira no ar) que são propostas pela própria criança. Há ainda atenção compartilhada (a mãe aponta para algo e ele olha na direção do que foi apontado) e negociação (a criança expressa o que quer, a mãe evidencia impossibilidade de atender e ele cede ou reforça sua posição). Através das cenas, identificam-se fenômenos relacionais da criança e seus pais; e, inclusive interações com a pesquisadora. Para esta apresentação, serão evidenciadas duas das várias cenas analisadas: 1) a brincadeira de “pega-pega” envolvendo mãe-criança-pesquisadora (4º dia); 2) processo de negociação entre criança e mãe quanto ao recipiente para beber o suco (6º dia). A análise das cenas evidencia comportamentos estereotipados, como referido pela literatura. Porém, verificou-se uma série de interações entre a criança e seus familiares; e, mesmo, da criança com a pesquisadora. Percebeu-se ainda a ocorrência de comportamentos usualmente não atribuídos ao autismo (como atenção compartilhada) e a construção de significados pela criança. Esta visibilidade dos dados provavelmente tornou-se viável pela escolha metodológica (longitudinal, por dois meses, em ambiente doméstico, com poucos estressores à criança). Tal estrutura pode ter garantido uma condição em que se tornaram visíveis aspectos não somente relacionados aos prejuízos. A presença de menos prejuízos pode também se dever ao menor acometimento, considerando-se o espectro em que se insere o quadro.

(IN)VISIBLE TODDLERHOOD? TODDLERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND CARE INSTITUTIONS

RUTANEN, Niina

This research project approaches one to three-year-old children's everyday life and well-being from a multidisciplinary perspective. Theoretically and methodologically, the project engages in dialogue with the recent developments from childhood geographies, sociological childhood studies, and developmental psychology applying concepts of space and place into analysis of early childhood education and care institutions. The main objective of the project is to address the dynamic interplay in between 1) the culturally constructed meanings, ideals and expectations of (good) toddlerhood, 2) the local level of practices, and 3) the toddlers' construction of places (lived-through-experiences). The project builds on a qualitative case study approach. In addition to analysis of Finnish curricula and guiding documents for early childhood education and care, the project includes ethnographic fieldwork. The data consists of observations and video recordings from one group of 1 to 3-year-olds in one Finnish municipal daycare centre. In addition to audio-recorded team meetings among the practitioners, video-elicited interviews were also audio-recorded. The project includes four different questions. How are (good) toddlerhoods and the "best interest of the child" narrated in curricula? Furthermore, how are they materialized in everyday practices? How do toddlers engage in construction of lived spaces (places)? The study also includes a cultural, comparative aspect and collaboration with the Brazilian Research Center on Human Development and Early Childhood Education (CINDEDI) in 2012. With additional qualitative data from Brazil, two country cases will be investigated to interpret how the commitment to the "best interest of the child" is translated into local, culturally diverse practices in child care institutions. The results show that in Finland, the national and local-level curricula both present the 'child's best interests' as age-related, and at the same time, generalize and distinguish between the needs and abilities of 'younger' and the 'older' children. In terms of socio-spatial practices, the practitioners reiterated, justified or reframed the boundaries of activities, routines and rules in the daycare centre for the young ones. The practices included various tensions, e.g. in relation to child's individual interests and needs and, as a counterpoint, the quest for stability of the routines and order in day care. The poster will offer a general presentation of the project with four 'subprojects/questions'. The project is funded by the Academy of Finland (2010-2012) and it is a post-doctoral project at the School of Education/Early Childhood Education, University of Tampere, Finland. Project leader is PhD Niina Rutanen and the project includes master's students Kaisa-Reeta Laitila and Elisa Tanner as research assistants working on specific questions within the project.

Pesquisa em andamento - Mestrado

EMOÇÃO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA: MANIFESTAÇÕES E PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

FERREIRA, Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo

AMORIM, Kátia de Souza

A emoção é tema presente em diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a psicologia do desenvolvimento, na qual Henri Wallon se destaca pelos seus estudos sobre a emoção, tornando-se um referencial para a investigação deste tema. Em sua teoria, a emoção é elemento central nos primeiros meses de vida, a qual propiciaria a constituição do vínculo entre bebê e ambiente social; e representaria, assim, o primeiro plano de sociabilidade que contribuiria para promover a solidariedade de comportamento e de atitudes entre o bebê e as pessoas no entorno. Porém, em sua discussão, o autor passa a discutir outros aspectos desenvolvimentais, diminuindo o destaque referente à emoção no correr do primeiro ano de vida da criança. Buscando aprofundar o papel da emoção e sua transformação nesse primeiro ano, buscou-se identificar, na literatura, se havia estudos empíricos investigando a emoção no desenvolvimento humano. Esta revisão permitiu uma aproximação das novas perspectivas e pesquisadores que têm explorado o tema das emoções, além dos resultados que, de forma geral, têm mostrado a alta capacidade comunicativa e interativa dos bebês a partir das expressões emocionais. No entanto, não se encontrou artigos que tratassem das transformações da emoção especificamente no primeiro ano. Desta forma, este trabalho tem como objetivo acompanhar as manifestações e o processo de transformações das emoções no primeiro ano de vida de um bebê. As vídeo gravações utilizadas estão arquivadas no Banco de Imagens do CINDEDI e são de um bebê que foi filmado desde a primeira semana de vida até os doze meses, semanalmente nos primeiros seis meses e quinzenalmente nos últimos seis meses. A construção do corpus se deu primeiro através da visualização do material completo, observando-se a diversidade de expressões dos bebês ao longo dos 12 meses. Na análise geral das manifestações emocionais do bebê, encontraram-se as expressões de sorriso, choro, grunhido ou gemido, irritação ou incômodo, mistura de expressões, e expressões neutras. Este primeiro mapeamento teve como objetivo fornecer pistas gerais sobre as transformações das emoções ao longo do tempo e oferecer subsídios para a análise qualitativa posterior. Frente à necessidade de recorte das múltiplas expressões, buscou-se identificar e acompanhar especificamente as expressões de choro, incômodo e/ou irritação. Neste trabalho, será apresentado o mapeamento que tem mostrado os recursos expressivos utilizados pelos bebês nos primeiros meses e como esses recursos vão se diversificando e sendo refinados na relação com o outro, geralmente a mãe. Analisando a primeira gravação de cada mês durante o primeiro ano pode-se observar que nos primeiros meses o choro do bebê é mais indiscriminado, demonstrando grande incômodo com as expressões. Aproximadamente a partir do quarto mês, o bebê vai desenvolvendo outros mecanismos de comunicação que expressem sua irritação ou desejo de algo, como a expressão de gemidos ou grunhidos, sem que seja necessário chorar. Além disso, a partir do quinto ou sexto mês, observa-se a amplificação e refinamento das manifestações expressivas, demonstrando o caráter social e cultural na constituição das expressões emocionais. Finalmente, este mapeamento aponta alguns elementos importantes das transformações ocorridas na manifestação da emoção, mostrando a expressão emocional como recurso comunicativo e a negociação com o outro a partir da emoção que se expressa.

Pesquisa em andamento - Iniciação científica

OLHAR E LOCOMOÇÃO NO AMBIENTE DOMICILIAR

COSTA, Natalia Meireles S.

AMORIM, Kátia de Souza

O bebê apresenta formas particulares de expressão (gestos, mímica, vocalizações, postura), destacando-se duas delas: o olhar e a postura corporal. O olhar emerge como recurso, indo além da visão, atingindo a esfera relacional e de comunicação. A postura é discutida na literatura como aspecto influente no desenvolvimento do olhar no bebê, mas há poucos trabalhos empíricos que exploram este aspecto. Um marco importante desta relação é o desenvolvimento da locomoção; trata-se de uma experiência que trará mudanças no desenvolvimento social e emocional, comunicação de referência gestual, percepção de altura, auto-locomoção, distância, busca espacial e estratégias de codificação espacial. O olhar e a locomoção mostram indícios de interesses e preferências do bebê, bem como influenciam a forma como este irá se relacionar com o ambiente e com os outros a seu redor. Decidiu-se assim investigar processo de transformação do olhar como recurso expressivo no bebê; e, como se dá a relação daquele com o desenvolvimento postural. O estudo empírico utiliza banco de imagens do projeto *Processos de (trans)formação da comunicação e linguagem, ao longo do primeiro ano de vida*. Este acompanhou, por um ano, um bebê (Marina) em ambiente domiciliar, em suas relações com a mãe (Júlia), o pai (Pedro) e a avó (Mirian). Das cenas videogravadas, tendo em vista o enfoque relacional, selecionou-se aquelas em que mudanças no olhar são evidenciadas no processo de expressão e comunicação do bebê, buscando-se apreendê-las em relação à postura. Os episódios foram analisados microgeneticamente, com base na *Rede de Significações*. Um episódio foi selecionado no qual Marina está sentada no sofá com o pai assistindo televisão. O pai manuseia o controle remoto, o que parece chamar a atenção de Marina (volta o olhar para o mesmo, encurva-se em direção a ele e estende o braço para pagá-lo). O pai percebe o interesse de Marina pelo controle e tenta afastá-lo de seu alcance, porém Marina consegue pegá-lo. Marina segura o controle e o direciona à televisão. Sorri e movimenta-se ao ritmo da música. O controle cai no sofá e Marina tomba para o lado. Começa a arrastar-se desajeitadamente em direção à outra ponta do sofá. O pai rapidamente tira dali um objeto que estava naquela direção que não queria que a filha pegasse. Pedro começa a falar com Marina e tenta chamar sua atenção para a televisão (“Olha lá a televisão!”). Marina senta-se e fixa o olhar na televisão, sorrindo e movimentando-se ao ritmo da música. O pai canta junto e Marina olha para ele. No episódio descrito, o pai já circunscreve o olhar de Marina a um direcionamento culturalmente convencional a televisão. No entanto, Marina não se atém apenas à televisão, pois explora o ambiente, pegando em outros objetos, que usa para brincar. Porém, essa exploração a outros objetos é negociada de forma meio inquieta, pois o pai esforça-se para que ela não pegue determinado controle, e oferece-lhe outro. Mesmo assim, Marina faz a escolha de um determinado controle, que usa para direcionar à televisão, enquanto olha para a mesma. Nesse sentido, Marina parece demonstrar maior autonomia, não apenas em relação a sua busca pelo objeto, mas em sua própria locomoção, de modo a ser capaz de ativamente ir atrás de algo que vê e lhe interessa. Marina realmente tem sua atenção atraída para o DVD, pois muda sua posição em função disso, seu olhar volta-se para a

Eixo Temático 1: Inclusão Social e Escolar de pessoas com necessidades especiais & Comunicação, linguagem e relações, nos primeiros anos de vida

TV, e ela passa a sorrir, “dançar”, bater palmas e a interagir com o DVD, que passa a ser um intermediário na relação de Pedro com Marina. Assim, o olhar, o corpo em seu posicionamento e sua locomoção demonstram claramente os interesses de Marina, que diante de sua maior autonomia trazem possibilidades de realizar novas ações, às vezes não esperadas por seu parceiro de interação.

Apoio: FAPESP

Pesquisa em andamento - Mestrado

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR MEMBROS DO SETOR DE EDUCAÇÃO DE UM MOVIMENTO DE LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

ROSA, Leandro Amorin
SILVA, Ana Paula Soares da

Os estudos situados no campo de intersecção entre a Psicologia e a Política têm dado significativa contribuição para a investigação de diversos fenômenos ligados ao comportamento político. Entre os principais temas abordados nesse campo interdisciplinar, está presente a participação política. Os referenciais que abordam tal temática, via de regra, têm privilegiado os processos e os fatores implicados na participação política. O presente projeto tem como foco de interesse compreender esse processo partindo das perspectivas dos sujeitos e das tensões por eles vivenciadas. A partir do referencial vygotskyano, em articulação com a teoria gramsciana, objetiva-se estudar os sentidos e significados atribuídos à participação política por sujeitos do setor de educação de um assentamento rural vinculado a um movimento de luta pela reforma agrária. Segundo o referencial aqui adotado, a constituição do sujeito é perpassada a todo o momento pelas relações sociais nas quais ele está inserido, ou seja, as tensões presentes no campo social e econômico também se manifestam no campo da subjetividade, na organização do seu drama subjetivo. Participarão da pesquisa cinco sujeitos. Serão priorizados como participantes da pesquisa os envolvidos com a educação infantil no assentamento. Essa escolha se justifica pela proximidade do pesquisador com essa área em específico. Os dados serão coletados por meio de entrevistas individuais, observações de atividades que envolvam o setor de educação do assentamento e análise de materiais produzidos pelos participantes. As produções dos sujeitos analisadas serão referentes à participação no movimento social: textos, atas de reuniões e assembleias, e material produzido por meio de gravadores de áudio que serão entregues aos participantes pelo pesquisador. Pretende-se articular as informações obtidas por esses três instrumentos. Como categorias a serem abordadas durante a análise, estão previstas: sentidos atribuídos pelos sujeitos à sua participação política; significações sobre a entrada no movimento social, bem como no setor de educação do movimento; mudanças (subjetivas e objetivas) que atribuem à sua participação; sentidos que atribuem à participação das crianças e dos jovens no assentamento e no movimento. Neste momento de análise, alguns conceitos serão guias para o modo de se olhar os dados empíricos, entre esses conceitos destacam-se: práxis política, sentido, drama subjetivo, guerra de posição interior e catarse. Na fase de tratamento do material, a partir dos conteúdos concretos, é possível que tais tópicos e conceitos sejam revistos e outros acrescentados. Pretende-se contribuir com o entendimento sobre a participação política a partir da concretude de sujeitos que tomam esse processo como elemento central de suas vivências e de suas ações educativas. Entende-se que explicitar as condições – objetivas e subjetivas – específicas dos participantes dessa pesquisa possa proporcionar dados relevantes à temática estudada.

Apoio: FAPESP

Pesquisa em andamento - Mestrado

FIOS DE HISTÓRIA: COSTURAS DA HISTORICIDADE DO COTIDIANO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DO CAMPO E SUAS FAMÍLIAS

ARAÚJO, Marcela Oliveira
SILVA, Ana Paula Soares da

Este resumo é parte de uma pesquisa de mestrado, que tem por objetivo a investigação do cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo e suas famílias, a partir das significações e práticas familiares. Propôs-se a permanência da pesquisadora no contexto investigado por um período de quatro semanas junto a três famílias focais escolhidas, sendo uma criança de cada faixa etária (0 a 1 ano, 1 a 2 anos e 2 a 3 anos). Realizou-se até o momento a observação das duas primeiras faixas etárias. O objetivo deste trabalho é discutir a dimensão histórica do fazer etnográfico, como um recurso teórico metodológico que materializa a análise da escrita etnográfica. A rede de relações e significações é materializada ao situar os sujeitos concretos observados no aqui e agora em seu contexto micro e macro de desenvolvimento. A primeira família observada mora na agrovila e apresenta duas crianças de 0 a 1 ano: uma menina de 10 meses e um menino de 1 mês e 15 dias. A mãe tem 48 anos, desses, 22 anos como agricultora, e mora com seus 5 filhos, a afilhada e o marido: os meninos E. (16 anos), P. (14 anos), M. (6 anos) e Í. (1 mês e 15 dias); a filha M. (18 anos); a afilhada A. (10 meses) e o marido L. Essa família vive na comunidade há 14 anos, desde o acampamento. A fonte de renda é a produção de hortifruticultura, carvão e bucha. A mãe preside uma associação como forma de organização da agricultura familiar de produtores da comunidade rural e escoamento da produção através do programa da alimentação escolar. A segunda família observada mora no lote, há 13 anos na região e tem uma criança de 1 ano e 4 meses. A mãe tem 25 anos e reside com a mãe M.J. (53 anos), o pai P. (51 anos), o irmão gêmeo R. e a irmã B. de 16 anos. É agricultora há 7 anos. A fonte de renda é a produção de leite e derivados, quitandas, hortaliças e carvão. A apreensão da historicidade destes cotidianos delineiam compreensões distintas de ser e estar no contexto do campo; história do (próprio) assentamento; da vida acampada e posteriormente assentada; do município que se insere; dos movimentos sociais; do nascimento e crescimento das crianças e das famílias; e também da própria pesquisadora. As histórias individuais e coletivas são costuradas entre si em uma dimensão temporal não linear entre passado, presente e futuro. A pesquisa histórica possibilita, então, a compreensão das situações e eventos presenciados, situando a diversidade cotidiana em uma configuração inteligível para explicar a formação social das práticas e dos saberes observados. Dessa forma, os fios de História e histórias são costurados a partir do entrelaçamento de tecidos relacionais, históricos, sociais e culturais; que juntos em rede permitem a compreensão da complexidade e pluralidade deste cotidiano do campo e, mais especificamente, do cotidiano de crianças de 0 a 3 anos e suas famílias.

Apoio: FAPESP

Pesquisa em andamento - Mestrado

EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO NO CONTEXTO DE ASSENTAMENTOS RURAIS

SILVA, Juliana Bezzon da

SILVA, Ana Paula Soares da

A discussão sobre a educação infantil no/do campo é recente no contexto brasileiro. Esta pesquisa objetivou conhecer as características, semelhanças e peculiaridades da educação infantil oferecida em duas instituições escolares localizadas em assentamentos rurais. Para construção do material empírico, foram realizados os seguintes procedimentos: observação participante, com registro em diário de campo e fotografia; entrevistas semi-estruturadas audiogravadas com familiares (n=6), professores (n=2), demais profissionais da escola (n=2) e as crianças de 5 anos da turma (n=6). Com isso, obteve-se uma contextualização dos vários elementos envolvidos nas significações de educação infantil, cultura e infância do campo dos participantes da pesquisa. O material construído foi analisado e integrado de acordo com a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, para a qual o contexto em que a pessoa vive suas experiências representa os recursos e instrumentos para seu desenvolvimento. Até este momento da pesquisa, foram analisados os materiais provenientes da inserção em um dos assentamentos rurais. A partir da análise desses materiais do Assentamento A, foram discutidas as principais significações compreendidas em três eixos de análise: a instituição escolar no Assentamento, a educação infantil no/do campo e a infância e as crianças do campo. Com relação à escola em geral, destacou-se o seguinte: a proximidade física com as casas das famílias facilita o compartilhamento da educação das crianças; as dificuldades enfrentadas pela instituição relacionam-se à ausência de autonomia administrativa; e a preocupação dos gestores com metas e a relação focada na burocracia impedem o trabalho da equipe escolar de modo contextualizado. Sobre a educação infantil no/do campo, destacam-se processos de significações relacionados: oportunidades de contextualização em contraposição à descontextualização proveniente da ausência de um currículo específico; valorização da preparação para a alfabetização; e estabelecimento prioritário de uma relação vertical entre equipe escolar e crianças, em que predominava a centralidade na professora. Por fim, sobre infância e crianças do campo, emergiram os seguintes elementos: brincadeiras sobre o campo e o cotidiano de uma vida rural; desenvolvimento na natureza, compreendido pela percepção do espaço através de elementos naturais e pelas apreensões sobre processos de vida e natureza; e possibilidades de vivência com liberdade e autonomia. De modo geral, o desenvolvimento das crianças do campo, no contexto do Assentamento A, pode ser compreendido nas interações entre natureza, pessoas, criações e cultivos e movimentos sociais. Essas interações compõem processos de significações sobre o mundo e o contexto local, que constituem parte do processo de desenvolvimento das crianças. Assim, visualizam-se processos de significações relacionados ao modo de compreender a vida no Assentamento rural, a natureza e as possibilidades de experimentá-la. A partir disso, pode-se questionar como a escola, enquanto espaço coletivo de educação formal, lida com e amplia as possibilidades de compreensão da relação das crianças com o mundo.

Apoio: FAPESP

Pesquisa em andamento - Mestrado

GESTORES EDUCACIONAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO

ARAÚJO, Thaise Vieira

SILVA, Ana Paula Soares da

A educação infantil do campo é uma área recente de discussão no país, toma como preceitos a articulação e o acúmulo de conhecimento produzido sobre a educação do campo e a educação infantil e possui ainda pouca produção acadêmica. Do ponto de vista da política pública, verifica-se uma grande desigualdade de acesso das crianças do campo em relação às crianças da cidade ao sistema de ensino infantil no país, e essa desigualdade se acirra quando se trata da educação da criança do campo de 0 a 3 anos. Compreendendo que os gestores educacionais têm papel fundamental nesse processo, o presente projeto tem por objetivo investigar as significações de gestores educacionais acerca do atendimento às crianças de 0 a 6 anos moradoras do campo. O estudo terá uma abordagem qualitativa e quantitativa. Será feito um levantamento por meio de questionários enviados às Secretarias de Educação da região de Ribeirão Preto-SP para obter dados que sejam representativos do atendimento oferecido na educação infantil às crianças do campo. Após essa etapa, serão realizadas 12 entrevistas guias com gestores educacionais (4 Secretários de Educação, 4 Coordenadores da Educação Infantil e 4 Diretores Escolares) para compreender as significações atribuídas acerca da educação infantil do campo e do atendimento oferecido às crianças do campo nos municípios. As entrevistas serão realizadas a partir da escolha de 4 municípios da região de Ribeirão Preto, sendo que o critério de escolha dos mesmos serão os municípios que mais atendem crianças moradoras na área do campo nas instituições de educação infantil, sendo eles: 1 município que atenda crianças de 0 a 3 anos do campo em creche localizada na cidade; 1 município que atenda crianças de 4 a 6 anos do campo em pré-escola localizada na cidade; 1 município que atenda crianças de 0 a 3 anos do campo em creche localizada no campo e 1 município que atende crianças de 4 a 6 anos do campo em pré-escola localizada no campo. Os participantes serão os Secretários de Educação e coordenadores de educação infantil dos municípios selecionados e diretores das escolas de educação infantil desses mesmos municípios. A análise de documentos das escolas participantes, tal como do Projeto Político Pedagógico, será necessária para compreender como é feita a incorporação dos documentos legais pela instituição de educação infantil. Esse conjunto de material será analisado conforme proposta teórica da Rede de Significações.

Pesquisa concluída – Mestrado

PARTICIPAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA ESCUTA DE CRIANÇAS DE ASSENTAMENTO RURAL E DE PERIFERIA URBANA

CARVALHO, Regiane Sbroion de
SILVA, Ana Paula Soares da

A participação infantil tem se constituído como importante área de investigação por discutir a inserção e as possibilidades de ações das crianças nos espaços por elas vivenciados. A compreensão mais difundida da participação infantil refere-se ao direito de a criança expressar suas opiniões e intervir nas decisões a respeito de todos os serviços que têm algum impacto sobre elas. No presente trabalho, de maneira alinhada à perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, ampliamos tal compreensão ao considerar que, nas interações sociais, necessariamente ocorre a participação de todas as pessoas envolvidas, mesmo que estas assumam ou que lhes sejam atribuídas posições que poderíamos chamar de mais passivas. A participação, nessa perspectiva, apresenta-se como uma característica das interações contrapondo-se a uma polarização frequentemente encontrada em estudos sobre o tema, que classificam as relações infantis como participativas ou não participativas. O objetivo da presente pesquisa consiste em compreender as *formas de participação cotidiana* de crianças de sete a dez anos de um Assentamento rural vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e de periferia urbana, ressaltando as possibilidades e limitações de ação em suas interações, bem como compreender algumas das significações construídas pelas crianças sobre suas possibilidades de ação nos contextos. Os instrumentos de pesquisa foram: (1) diário de campo; (2) questionário socioeconômico; (3) fotografias realizadas pelas crianças sobre seu cotidiano; (4) entrevistas individuais baseadas nas fotos. A partir dos relatos das ações cotidianas das crianças nos diversos espaços em que circulam, notadamente a família, a escola e a comunidade, identificamos cinco formas de participação: (1) Colaboração, (2) Acompanhamento, (3) Influência, (4) Submissão e (5) Resistência. Cada uma dessas formas de participação materializa-se nas interações e atividades desenvolvidas pelas crianças com abrangências particulares. As atividades realizadas evidenciam a importância da criança na organização e estruturação de seus grupos, principalmente na família e na escola. Já nas relações estabelecidas destaca-se a complexidade dessas relações, que ora se configuram como espaços de consideração e de escuta da criança, ora como momentos de imposição da vontade do outro sobre elas, como em situações em que sofrem violências. Além disso, foi possível compreender a posição central assumida, muitas vezes, pelas crianças ao resolverem conflitos com outras crianças, ou ao resistirem a situações com as quais não concordam ou em que têm seus direitos violados. Os relatos sobre a participação cotidiana das crianças nos possibilitam compreender sua inserção social como um processo complexo e multifacetado, problematizando abordagens sobre o tema que reduzem esse conceito à promoção de espaços e atividades de escuta e de consideração das crianças.

Pesquisa em Andamento - Iniciação Científica

A CIRANDA INFANTIL A PARTIR DA VISÃO DE CRIANÇAS DE UM ASSENTAMENTO RURAL VINCULADO AO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

FILHO, Wisner Tahan
CARVALHO, Regiane Sbroion de
SILVA, Ana Paula Soares da

Alinhados à perspectiva denominada de “Novos Estudos sobre infância”, que compreende a **criança como ator social, que constrói e dá sentidos aos contextos e relações que vivencia cotidianamente**, devendo ser escutada e considerada na construção de espaços e ações, na presente pesquisa buscaremos escutar crianças de um assentamento rural vinculado ao movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST), situado na região de Ribeirão Preto, sobre um dos aspectos de seu cotidiano: a Ciranda Infantil. A Ciranda Infantil se materializa enquanto um espaço/tempo de educação não formal e é fruto da Pedagogia do MST, funcionando tanto em espaços permanentes nas escolas do movimento, acampamentos, assentamentos e centros de formação, como de forma itinerante, em marchas, encontros e viagens de luta do movimento. As Cirandas se constituem enquanto um espaço para as crianças construírem sua identidade nas e pelas interações com seus pares de faixas etárias diferenciadas e com a comunidade. Trata-se de um espaço estruturado por membros da própria comunidade, que são denominados Cirandeiros, que são responsáveis pela organização, planejamento e efetivação das Cirandas. Segundo o **MST**, a Ciranda deve trabalhar as várias dimensões do ser criança como um sujeito de direitos, valores, imaginação e personalidade em formação, que se relaciona, cria e luta pela conquista da terra e pela reforma agrária, aprendendo em conjunto a ocupar seu lugar no espaço em que vive. No assentamento no qual a pesquisa será desenvolvida, a Ciranda Infantil ocorre semanalmente aos sábados, com aproximadamente 30 crianças e jovens, realizando-se atividades que envolvem dramatização, plantio, desenhos, escrita, leitura e brincadeiras com brinquedos e objetos da paisagem, atividades que resgatam as brincadeiras da comunidade e fortalecem as identidades pessoais e coletivas das crianças, promovendo o desenvolvimento social das crianças, jovens e adultos. Além disso, na Ciranda em questão há uma parceria com grupo o SEITERRA (Subjetividade, Educação e Infância em Territórios Rurais e de Reforma Agrária), do CINDEDI, FFCLRP – USP, através da formação dos Cirandeiros. A presente pesquisa objetiva compreender as concepções construídas por crianças moradoras do assentamento rural sobre experiências vivenciadas por elas no espaço das Cirandas Infantis, assim como sobre as atividades, rotinas e relações estabelecidas nesse contexto. Participarão três crianças de dez a doze anos (uma de cada idade). O critério para escolha das crianças será o maior tempo de participação em atividades da Ciranda. Para isso, pedir-se-á que os Cirandeiros indiquem as crianças que fazem parte da Ciranda há mais tempo. Os instrumentos utilizados serão: diário de campo, fotografias realizadas pelas crianças e conversas individuais realizadas com as crianças, tendo as fotografias como disparadores. A análise do *corpus* será feita por meio da análise de conteúdo, utilizando a técnica da análise temática, que preconiza a construção de categorias de análise a partir dos conteúdos temáticos emergentes no *corpus* construído na pesquisa. Para isso o material de pesquisa será transcrito na íntegra e serão realizadas leituras exaustivas visando a elaboração e discussão de categorias temáticas construídas a partir da relação com o material, buscando compreender as concepções das crianças sobre a Ciranda Infantil.

Pesquisa em andamento - Doutorado

A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO E AS FAMÍLIAS DO CAMPO

LIMA, Luciana Pereira de
SILVA, Ana Paula Soares da

No Brasil as instituições de Educação Infantil têm como objetivo o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físico, motor e afetivo, sendo o acesso a estas instituições uma opção das famílias e um direito das crianças. Neste contexto, creches e pré-escolas devem complementar a ação da família no que tange ao cuidado e educação da criança, o que implica na necessidade de haver entre as instituições familiares e as de Educação Infantil uma relação próxima e dialógica. A relação entre família e Educação Infantil vem sendo alvo de diversas investigações científicas no âmbito brasileiro, porém constatamos que tais pesquisas têm se voltado prioritariamente ao estudo de instituições urbanas, sendo ainda precários os estudos existentes sobre esta temática em contextos rurais. Neste cenário, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a relação entre a instituição de Educação Infantil no campo e as famílias do campo, buscando compreender como profissionais e famílias significam esta relação. Para tanto, selecionamos uma instituição, a Escola Flamboyant, localizada na zona rural de um município de Minas Gerais que possuía em 2010 - ano no qual ocorreu a construção dos dados da pesquisa - 13 instituições que ofereciam Educação Infantil no campo. A escolha da Escola Flamboyant se justificou pelo fato da mesma atender famílias que viviam em diferentes contextos e condições sociais. Cabe pontuar que a Escola Flamboyant é uma instituição de Ensino Fundamental e que possuía uma sala com 24 crianças de 5 anos. Para a construção dos dados da pesquisa foram realizadas *observações* na Escola Flamboyant durante 4 meses e entrevistas com 6 *profissionais* da instituição (1 diretora, 2 vice-diretoras, 1 pedagoga, 2 professoras) e com 5 *famílias* que possuíam crianças de 5 anos na Escola e que residiam em diferentes contextos (1 em assentamento rural, 2 em fazendas, 2 em indústrias). O material construído encontra-se atualmente em processo de análise. Até o presente momento foram realizadas diversas leituras do material e a identificação de eixos temáticos relativos aos dados construídos, a saber: 1) *A Educação Infantil como direito, opção e demanda das famílias*; 2) *Os papéis das famílias e da Educação Infantil no cuidado/proteção e educação das crianças do campo*; 3) *Os protagonismos dos profissionais da Educação Infantil e das famílias na construção da relação Escola e família*; 4) *Os (des)encontros, as distâncias e as dificuldades na relação Educação Infantil e famílias*. Ressaltamos que a metodologia de construção e de análise dos dados da presente pesquisa ancora-se nos pressupostos da Rede de Significações que vem defendendo a centralidade dos processos de significação para a compreensão das relações humanas.

Projeto de Doutorado

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DE 0-6 ANOS EM TERRITÓRIOS RURAIS

SILVA, Ana Cecília Oliveira

SILVA, Ana Paula Soares da

Este trabalho consiste em um projeto de doutoramento recém aprovado no Programa de Pós Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP. Inserido no campo da Psicologia do Desenvolvimento, ele têm como objetivo analisar as práticas educativas destinadas às crianças de 0-6 anos em dois territórios rurais, um *acampamento* e um *assentamento* rural. Partindo do pressuposto da existência de uma relação intrínseca entre o contexto e o processo de desenvolvimento e do interesse em compreender os modos como a comunidade educa as crianças, serão enfocadas as práticas educativas desenvolvidas nestes dois territórios. Parte-se da constatação de que as crianças do campo são uma população marcada historicamente por uma invisibilidade social e científica. Também somos impulsionados pela necessidade de compreender as diversidades das condições de vida das crianças como forma de conhecer suas condições de desenvolvimento. Recentemente, autores da Psicologia vêm chamando a atenção para a ausência de conhecimento sobre a população rural e sobre aspectos geracionais nesse contexto. A partir de uma inserção prévia nos territórios rurais e de Reforma Agrária, por meio do curso de mestrado e de projetos de extensão, foi possível formular uma tese de que há particularidades nas práticas educativas no *acampamento* e no *assentamento* que estão relacionadas às características destes contextos. Ainda levantamos a hipótese de que as significações da infância pelos adultos variam segundo faixas etárias, o que está relacionado ao desenvolvimento de diferentes práticas educativas de acordo com a idade das crianças, sendo que as crianças menores, de 0 a 3 anos, seriam cuidadas predominantemente pela família, em ambos os territórios; as crianças maiores, de 4 a 6 anos, teriam sua educação mais coletivizada no *acampamento* do que no *assentamento*. Estima-se para o desenvolvimento do estudo a participação de 12 crianças, compreendendo as idades de 0 a 6 anos, moradoras de duas áreas selecionadas. A construção do *corpus* se dará por meio de: (1) Questionários aplicados às famílias com crianças de 0 a 6 anos de cada contexto; (2) Diário de campo redigido a partir de observações participantes do cotidiano de 12 crianças durante 15 dias; (3) Entrevistas semi-estruturadas com o(s) principal(is) cuidador(es) das crianças foco da observação. Os dados serão analisados a partir da perspectiva teórico metodológica da Rede de Significações, buscando construir mapas que descrevam as principais práticas educativas identificadas nestes espaços, abarcando o cenário, os parceiros e as principais interações em que as crianças estão inseridas. Pretende-se com este estudo contribuir para a produção de conhecimento sobre a criança do campo, potencializando o desenvolvimento de espaços de educação destinados a elas.

Relato de Experiência

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA CAROCHINHA RELATO DE EXPERIÊNCIA

SANTOS, B. B. G.; GOMES, M. R.; GOMES, A. M.; CRISPIN, A.; COSTA, E. F.; MARTINS, E. B.; GARCEZ, G. F.; SILVA, M. A.; SANTOS, S.; MATARUCO, T. D.; SANTOS, S.L.; GARCIA, R.M; AMPARO, R. C.

Este trabalho aborda o desenvolvimento de um projeto realizado na Creche/Pré-Escola Carochinha COSEAS/USP de Ribeirão Preto no ano de 2011. Na ocasião discutíamos a implantação do Projeto Integrador da Creche: “QUALIDADE DE VIDA” e neste sentido as equipes de Saúde e Nutrição elaboraram um projeto a fim de contribuir para um maior entendimento e apropriação do tema pelas crianças, pais e educadores, além de promover maior interação entre os profissionais das diferentes áreas da instituição através do lúdico, da imaginação das aprendizagens e descobertas. Em nossa concepção acreditamos que a educação alimentar proporciona aos indivíduos diferentes relações e aprendizagens com respeito aos alimentos. Através dela é possível incentivar, formar e construir junto às crianças e educadores bons hábitos alimentares, assim como prevenir doenças decorrentes da má alimentação. Diante disso, este projeto teve como objetivo desenvolver um trabalho que integrasse o cuidado e a educação com as crianças e educadoras da Turma III do Módulo da Pré-escola, possibilitando experiências significativas e diferenciadas para a ampliação do repertório alimentar, cultural e lingüístico acerca dos alimentos bem como a construção de hábitos alimentares saudáveis. Este grupo era composto por dezesseis crianças de cinco anos de idade e duas educadoras que atuavam em diferentes períodos. Neste trabalho a linguagem do faz-de-conta foi fundamental, atraente e significativo para as crianças e o grupo de funcionários da equipe da cozinha e limpeza que representaram os personagens: Bella Berinjela, Brilha Maravilha, Chica Chicória, Chuchuly, Gigi Abacaxi, Lara Banana, Napo Quiabo e Tati Chocolate. Alguns funcionários dos mesmos setores não atuaram diretamente com as crianças, mas tiveram o importante papel de manter a qualidade do atendimento na creche enquanto os companheiros deixavam suas tarefas habituais para planejar, organizar e desenvolver o projeto junto às crianças ao mesmo tempo em que também colaboraram com novas idéias, sugestões e na confecção de roupas e adereços para os personagens. Não tivemos dúvidas de que a abordagem lúdica com atuação de personagens, brincadeiras e as diferentes atividades proporcionaram às crianças um melhor entendimento e interesse pelas questões que apresentamos concernentes a alimentação. As avaliações desse trabalho se deram nos horários das refeições das crianças na creche, bem como através do retorno que as famílias nos traziam de casa.

Os resultados obtidos com este projeto mostraram dados significativos quanto ao aumento na aceitação dos alimentos pelas crianças. Foi possível constatar nos momentos de refeições e em conversas com as famílias a melhora nos hábitos alimentares saudáveis, assim como a construção de respeito e proximidade das crianças e famílias com relação aos funcionários envolvidos no projeto o que contribuiu para o reconhecimento e valorização de suas identidades e de seu trabalho dentro da instituição.

Relato de Experiência

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DEPARTAMENTO DE SAÚDE –SERVIÇO ODONTOLÓGICO E CRECHE CAROCHINHA: UMA PARCERIA DE 20 ANOS

RODRIGUES FARIA, José Francisco; NIERO, Henrique. MARIANO DO AMARAL, Marlene Felomena; FERREIRA DE SOUZA RAMOS, Judith Aparecida; BERTOLUCI GABRIEL, Patrícia Luciana; DONIZETE DE SOUSA, Cléria; BONISSI MASSARO, Adriana Gonçalves & ROSA, Hercília Maria.

A busca de parcerias nos projetos de formação das crianças têm se mostrado bastante rico. Ao longo dos anos, estes projetos vão se formando com a colaboração de diversos profissionais, educadores, profissionais da saúde e outros que compõem o coletivo da Creche e Pré-escola Carochinha/COSEAS-USP. Nos aspectos relacionados à orientação infantil são inúmeros os profissionais que compõem este quadro, onde buscamos informações e orientações para a formação do cotidiano infantil. Neste painel destacaremos a parceria com o Setor Odontológico do Departamento de Saúde, do campus de Ribeirão Preto. O Programa de Saúde Bucal iniciou-se na instituição em 1989 em parceria com a Disciplina de Odontopediatria do Departamento de Clínica Infantil da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto – USP e, posteriormente foi assumido, no ano de 1994, pelo Setor Odontológico do Departamento de Saúde do Campus. Neste programa devido à complexidade do tema, são abordados vários aspectos, tais como: orientação às famílias quanto à amamentação, introdução e orientação na manutenção da higiene bucal, controle da dieta e alimentação das crianças, acompanhamento do desenvolvimento da oclusão e erupção dental, realização de palestras de saúde bucal para os pais e educadores da instituição, além de exames clínicos para diagnósticos de cáries e problemas oclusais realizados na própria instituição. A grande maioria das nossas crianças tem o primeiro contato com os profissionais de odontologia na instituição, durante a realização desses exames. Depois da realização dos mesmos as famílias recebem um comunicado do resultado do exame clínico bem como orientações para procurarem o Serviço Odontológico do Campus ou o seu dentista particular. As famílias que optam pela Odontologia do Campus para o atendimento dos seus filhos são inseridas em um programa de prevenção com a realização de profilaxias e aplicações de flúor em períodos regulares. Crianças com diagnóstico de alto índice de cárie são submetidas a um programa diferenciado, com retornos mais frequentes, orientação quanto à dieta e prescrição de aplicação de soluções anticéticas e fluoretadas em sua residência. No decorrer desses 20 anos de parceria temos avaliado que o índice de cárie permanece controlado. Na nossa análise as informações recebidas pelas famílias durante as ações realizadas por este programa contribuem bastante para a mudança em relação aos hábitos de higiene bucal e dieta alimentar das crianças, fazendo com que seja facilmente percebido uma diminuição do índice de carie entre irmãos. Esse projeto destaca a importância da orientação da prevenção, o que resulta no baixo custo financeiro dispensado nos procedimentos odontológicos, com a redução do número de sessões de atendimento na clínica. O presente painel pretende relatar mais detalhadamente as ações que tem sido realizadas ao longo destes anos em função desta parceria, destacando a importância do envolvimento desses profissionais para a formação, tanto das famílias como dos educadores e crianças da Creche e Pré-escola Carochinha/COSEAS-USP.

Relato de Experiência

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS PEQUENAS COM USO DE TAPETES MARCADORES

ANDRADE, Andréia Cangemi de
(Educadora da Creche Carochinha/COSEAS-USP)

Este trabalho apresenta um projeto denominado “Era uma vez... contação de histórias” que foi desenvolvido com uma turma de crianças de 1 a 2 anos, no ano de 2011, na Creche Carochinha/COSEAS-USP. Esse projeto foi desenvolvido no período de Abril a Outubro e teve como objetivo desenvolver a autonomia das crianças durante a interação delas com os livros de histórias, usando como recursos tapetes marcadores que foram inseridos de forma gradativa e utilizados sistematicamente no dia-a-dia. Considerando-se que as crianças dessa faixa etária encontram-se em processo de desenvolvimento cuja atenção e concentração ocorrem por períodos curtos de tempo e elas necessitam de estímulos para permanecerem sentadas ao ouvir histórias ou até mesmo para folhear um livro, procuramos desenvolver alguns rituais que nos ajudam nestes momentos. Assim, inicialmente construímos um tapete grande e redondo, no qual todas as crianças permaneciam sentadas em grupo durante os momentos de contação de histórias. Esse tapete foi usado por um período de tempo para que as crianças pudessem ter noção do grupo o qual faziam parte e também apropriarem-se deste marcador. A partir dessa apropriação de grupo, confeccionamos um tapete pequeno para cada uma das crianças da turma, denominada de Patinho. Este tapete tinha o desenho de um patinho e era utilizado em todos os momentos em que íamos contar histórias para o grupo, constituindo desta maneira como ou outro marcador, além do tapete grande. Na utilização desses tapetes percebemos o quanto era diferente a movimentação das crianças e a facilidade em se organizarem para o momento de contação da história. Durante o uso do tapete individual pode-se perceber que as crianças tinham uma maior liberdade de escolha em relação ao lugar e a forma de estarem acomodadas durante estes momentos em comparação com o uso do tapete maior. Tanto o tapete individual quanto o tapete grande funcionaram como recursos importantes para mantê-los atentos e concentrados nas histórias. Dentre as ações organizadas para o desenvolvimento desse projeto na turma Patinho envolvemos também as famílias. Elas tiveram a oportunidade de contarem histórias para seus filhos em casa, nos finais de semana, através de empréstimos de livros da biblioteca da instituição que foram cuidadosamente selecionados para essa faixa etária. As crianças também participaram de várias rodas de histórias onde tiveram a oportunidade de manipular diferentes tipos de livros e ouvir muitas histórias interessantes com as Caixas de histórias. Na finalização do projeto tivemos a oportunidade de ler os relatos escritos pelas famílias contando como foi a experiência de contação de histórias em casa para seus filhos. Essas escritas e fotos que compunham o relato das famílias foram expostas na Mostra Anual da instituição para que as outras famílias pudessem compartilhar esses maravilhosos momentos de contação de histórias.

Relato de Experiência

AÇÕES ORGANIZATIVAS PARA O MOMENTO DE BANHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E GRAU DE PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS - ALGUMAS REFLEXÕES

AGASSI MARTINS, Eva

(Creche e Pré-escola Carochinha /COSEAS-USP)

Atualmente é consenso na Educação Infantil que cuidar e educar são ações indissociadas. Assim, planejar as ações que são desenvolvidas em momentos de higiene pessoal, como o do banho, por exemplo, de modo a promover autonomia com participação ativa das crianças e tempo de espera reduzido é um desafio constante de professores que atuam neste segmento educacional. Tendo como objetivo levantar algumas reflexões que envolvem o protagonismo infantil também nestes momentos o presente trabalho vai relatar uma experiência realizada com a Turma Água - crianças de 5 a 6 anos da Creche e Pré-escola Carochinha, durante o ano de 2011. Para que o momento de banho ocorra de forma tranquila e prazerosa para as crianças, a instituição tem como orientação organizar o agrupamento de crianças maiores de 3 anos em subgrupos de no máximo 4 crianças, em função do tamanho do espaço do box dos banheiros e da disposição dos chuveiros. Durante processo de organização dos subgrupos as crianças são envolvidas de forma a participarem tanto do processo de nominar cada um dos subgrupos como também montarem a composição dos membros que serão compostos por cada subgrupo. Nesse ano para a montagem dos subgrupos as crianças da Turma Água levantaram alguns nomes como: Grupo Bucha, Grupo Toalha, Grupo Sabonete, Grupo Espuma etc. Depois de decidido entre as crianças quais seriam os nomes dos grupos passamos para o processo de composição dos mesmos. Durante este processo algumas crianças escolheram o agrupamento que queriam fazer parte tendo como referência o nome sugerido enquanto outras acabaram por tomar sua decisão em função da amiga ou do amigo que já havia feito sua escolha anteriormente. Uma das crianças que tomou sua decisão com base no nome sugerido percebeu posteriormente quando a organização já estava em funcionamento que seu grupo havia se constituído por 3 meninos e apenas ela de menina, e começou a dar sinais para educadora de que essa configuração não a deixava a vontade durante o momento de banho. A partir desta constatação e do movimento da criança em buscar estratégias para não tomar banho naquele subgrupo a educadora precisou mediar algumas situações para que as crianças da Turma se disponibilizassem a reorganizarem a definição inicial. Essa experiência nos ajuda a refletir o quanto uma situação corriqueira como o banho pode ser fonte de tantas aprendizagens e oportunidade para construção de habilidades de negociação no espaço coletivo e como, em situações como essa, as crianças podem aprender, a partir da mediação do adulto, a tomar decisões em grupo sobre ações que envolvem o seu dia-a-dia, conseguir expressar seu descontentamento quando essa organização coletiva não o satisfaz e buscar soluções que viabilizem seu bem estar e garantam sua individualidade e intimidade.

Relato de Experiência

SABORES E SENSações APRENDENDO COM O CHAPELEIRO MALUCO

SANTOS B. B. G, GOMES M. R., FERNANDES L. M., OLIVEIRA R. S.

Este trabalho aborda o desenvolvimento de um projeto realizado na Creche/Pré-Escola Carochinha COSEAS/USP de Ribeirão Preto no ano de 2011 com as crianças da Turma I do Módulo da Pré-escola. Esta turma era composta por um grupo de dez crianças de 3 anos de idade e duas educadoras que atuavam em períodos diversos. Este projeto foi coordenado pela técnica de nutrição Bianca B. George dos Santos, pelo auxiliar de cozinha Marcos Renato Gomes e pelas educadoras da turma Lésia Maria Fernandes e Rosângela dos Santos Oliveira além de contar com a participação de outros funcionários da creche e das famílias das crianças envolvidas. O projeto “Sabores e Sensações: aprendendo com o Chapeleiro Maluco” teve como objetivo possibilitar as crianças descobertas, aprendizagens e diferentes interações através dos sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição. O conto de fadas “Alice no País das Maravilhas” foi o grande inspirador do projeto e seus personagens apareciam de tempos em tempos para as crianças da turma trazendo suas histórias, brincadeiras, objetos diversificados através dos quais as crianças puderam ampliar seus conhecimentos a respeito de seus cinco sentidos. A história foi contada e interpretada para as crianças de diferentes maneiras e elas puderam ter contato com seus personagens que foram interpretados por diferentes funcionários da Creche. Foram várias as atividades propostas e desenvolvidas com as crianças: contação de histórias, café da manhã com os personagens, piquenique com as famílias, brincadeiras dentro e fora da sala com objetos de diferentes texturas, temperaturas, tamanhos, etc. confecção de pratos de diferentes sabores, receitas de chás aromáticos trazidos pelo Chapeleiro brincadeiras e situações que envolviam poucos ou muitos barulhos e principalmente o contato com os espaços externos da creche que possibilitaram uma série de exploração de sensações agradáveis em nosso quintal como, por exemplo: as sensações prazerosas que a natureza oferece como subir em árvores, cheirar as flores, deitar no chão, observar o céu, as árvores, saborear seus frutos, brincar com água, perceber as variações da natureza no decorrer do ano, os bichinhos que aparecem em nosso quintal e acima de tudo valorizar, respeitar e preservar o nosso meio ambiente. Percebemos que através deste trabalho e suas estratégias as crianças começaram a expressar e comunicar suas experiências agradáveis e ou desagradáveis com os cinco sentidos através de diferentes formas; conversas, expressões, gestos, desenhos, modelagens, etc. O que fez com que ampliassem os conhecimentos que têm sobre si mesmas e sobre os outros.

Relato de Experiência

PROJETO O MONSTRO DAS CARETAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CASEMIRO, Juariana Michelli

STELLA, Rosana

Esse relato de experiência é um trabalho que foi desenvolvido com um grupo de crianças da faixa etária de 2 a 3 anos, na Creche e Pré-escola Carochinha COSEAS/USP de Ribeirão Preto. Este projeto teve uma duração de 6 meses e foi iniciado em maio e concluído em outubro de 2011. Seu objetivo foi organizar estratégias pedagógicas considerando que os pequenos se interagem com sentimentos contraditórios, sendo que muitas vezes emoções como raiva/rejeição; carinho/aceitação são manifestados pelas crianças no mesmo instante. Nesse sentido os professores precisam saber como lidar de forma justa, buscando planejar ações e situações educativas que considerem as múltiplas linguagens. Para que isso ocorresse a sala foi organizada com diferentes ambientes, com espelhos, histórias, jogos e brinquedos diversos, possibilitando conversas coletivas em roda, como também em pequenos grupos. Para começar esse trabalho, selecionou-se a música “O Monstro das Caretas”, a qual possibilitou as crianças experimentarem de forma lúdica as diferentes expressões faciais como brava, feliz, triste, assustada, sonolenta, esperta, doente, solidária, etc. Posteriormente elas representaram através de desenhos, pinturas, colagens, as diferentes expressões. Ainda, planejaram-se confecções de máscaras individuais, buscando construir o molde facial de cada criança. Experimentaram materiais e instrumentos variados como tintas guache, aquarelas, acrílico, massas e biscuits, gessos e argilas. Esses momentos foram provocativos. Onde, muitas crianças se expuseram, falavam e gesticulavam com animação sobre fatos agradáveis e desagradáveis que aconteciam entre seus familiares e amigos também fora da creche. Esse projeto foi apresentado e compartilhando com as crianças, suas famílias, seus professores, como também com outras turmas da Creche na 11ª Mostra da Creche Carochinha em 2011. Nessa oportunidade deu-se visibilidade para o processo de construção da identidade do grupo, de modo a estabelecer o grau de participação e solidariedade, como também a construção diária das relações e das produções infantis. Ficou também explicitado que com o passar dos meses as interações foram solidificadas e muitas crianças resolveram as situações de tensões e conflitos com mais autonomia. As participações dos adultos também aparecem delineadas, resultando segurança nas ações educativas, liderando os conteúdos e estratégias planejadas para a faixa etária, podendo escutar e responder ao coletivo de crianças.

Relato de experiência

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS – O DESAFIO DO MONITORAMENTO DO DESENVOLVIMENTO E DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PANTONI, Rosa Virgínia

DO AMARAL, Marlene Felomena

A Conferência Mundial de Educação Especial ocorrida em 1994, em Salamanca (Espanha), reafirmou através da participação de representantes de 88 governos e 25 organizações internacionais o *compromisso da Educação Para Todos* e reconheceu a necessidade e urgência de políticas públicas que garantam o direito de toda criança ter a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. Esse encontro também enfatizou que a educação de pessoas portadoras de deficiências é parte integrante do sistema de ensino. No Brasil esta temática já está posta desde 1988, na Constituição Federal através do seu artigo 208, inciso III, que orienta que o atendimento especializado aos portadores de deficiência deve ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino, e também na Lei Federal 7853, de 1989, art.2º, que determina que a oferta de Educação Especial seja obrigatória e gratuita nos estabelecimentos públicos de ensino. Embora tenhamos percebido que em função da legislação tem ocorrido um avanço no que diz respeito ao acesso dessas crianças na rede regular, os desafios de equalizar as oportunidades para desenvolvimento e aprendizagem ainda demandam muitas pesquisas e criação de programas que ajudem professores e supervisores nesta tarefa. Isso mostra-se bastante complexo na Educação Infantil quando os profissionais percebem que uma determinada criança apresenta um desenvolvimento bastante diferente ao que é esperado para sua faixa etária e durante o seu acompanhamento os profissionais que a acompanham (tais como pediatra, fonoaudiólogo, neurologista etc) não chegam a um consenso sobre o seu diagnóstico. O presente trabalho pretende relatar as ações que foram realizadas no atendimento a uma criança com necessidades especiais e respectiva família, ao longo dos seus 3 anos de frequência na instituição. Bem como socializar os dilemas enfrentados pelos professores e técnicos durante o acompanhamento de seu desenvolvimento e aprendizagem, buscando, assim, fomentar reflexões sobre mecanismos mais eficientes que favoreçam a inclusão efetiva de crianças com necessidades especiais na Educação Infantil. Dentre estes dilemas vamos abordar: como os professores podem ser ajudados a perceberem e detectarem precocemente atrasos no desenvolvimento, como ajudar a família a buscar um diagnóstico que oriente os profissionais a lidar com essa criança? Como lidar com a criança na falta desse diagnóstico ou quando os profissionais divergem no que se refere a ele? Como organizar uma reunião avaliativa semestral envolvendo o grupo de pais da turma de forma que também acolha esta família? Que estratégias usar para garantir encontros sistemáticos entre família e professores? O que abordar no relatório de desenvolvimento individual que é entregue à família no final do ano? A criança em questão ingressou na instituição em março de 2009 com 1 ano e 3 meses e permanece até hoje. Atualmente frequenta a pré-escola. De acordo com a avaliação médica ela apresenta um atraso no desenvolvimento neuro-psicomotor e desde março de 2010 vem fazendo acompanhamento com fonoaudióloga que aposta na hipótese diagnóstica de disfasia.

Relato de Experiência

CAIXAS CURIOSAS

SILVA, Ariane Cristina Fermino da

SILVA, Margarete José Santos da

NASCIMENTO, Vivian Cristina Davies Sobral

O presente trabalho relata o projeto “Caixas Curiosas”, desenvolvido na Creche e Pré-Escola São Carlos COSEAS-USP, com um grupo composto por crianças de 1 a 2 anos. Nessa faixa etária podemos observar um interesse muito grande das crianças em descobrir, explorar e vivenciar novas experiências. Esta curiosidade nos levou a refletir sobre de que forma organizar a rotina da turma. Além disso, havia a necessidade de organizarmos brinquedos e objetos utilizados pelo grupo, selecionando-os, classificando-os de maneira que as crianças participassem do processo. É importante ressaltar que no grupo havia crianças com variação de idade de até 7 meses, o que nessa fase representa uma marcante diferença no processo de desenvolvimento. Decidimos, então, trabalhar com caixas, pois víamos nesse recurso a possibilidade de contemplar tanto a curiosidade das crianças, quanto suas necessidades organizativas. Passamos então a colecionar caixas que eram caracterizadas conforme a função que assumiam. Construímos caixas olfativas, táteis, auditivas, palatáveis e visuais, entre outras que se tornaram importantes marcadores na organização do espaço e do tempo. Criamos ainda uma caixa que semanalmente ia para a casa de uma das crianças que, junto com a família, colocava um objeto significativo dentro dela. No dia em que a caixa voltava, nos reuníamos com as crianças e tentávamos descobrir o que havia no seu interior. Nessas oportunidades as crianças exercitavam principalmente sua oralidade. As caixas confeccionadas recebiam um símbolo que indicava o conteúdo e, depois de brincar, o grupo organizava os objetos de acordo com o símbolo na caixa. Uma atividade interessante que envolveu as famílias foi a confecção de brinquedos com caixas. Brinquedos estes que eram organizados de forma que as crianças pudessem explorá-los de diversas maneiras. A cada dia, podíamos perceber que a curiosidade das crianças era alimentada, levando-os a explorar, investigar e descobrir cada vez mais. Era notável o progresso demonstrado na fala, nos movimentos e gestos das crianças. Enquanto levavam e traziam, esvaziavam e enchiam caixas, desenvolveram e aperfeiçoaram movimentos, tônus muscular e equilíbrio. Muitas vezes notamos que as brincadeiras com as caixas provocavam interações entre as crianças, que passaram a brincar em duplas ou em pequenos grupos e até com outros grupos de diferentes idades. Era notável o envolvimento do grupo e também de suas famílias. Constantemente presenciávamos o diálogo das famílias sobre o que havia dentro das caixas. Isso fez com que as famílias se tornassem parceiras do projeto trazendo materiais e sugestões que iam enriquecendo as atividades. Por se tornarem marcadores, e pela possibilidade de leitura de símbolos das caixas, as crianças compreendiam a atividade que ocorreria logo que viam a caixa, o que lhes dava segurança e autonomia na organização do espaço e tempo. As crianças são naturalmente curiosas, mas depende do meio e das experiências que vivem, se essa curiosidade será alimentada ou não. Esse projeto, não apenas partiu de uma característica da infância, mas favoreceu a ampliação da curiosidade, tornando a exploração do meio e dos objetos, uma atividade constante e prazerosa.

Relato de Experiência

MOMENTOS SEUS, QUE FORAM MEUS, AGORA É RELATAR...

ROIZ, Luciane Pedrocchi

APARECIDO, Ivânia Aparecida Grossi

Este relato apresenta uma prática de registro com crianças de 2 a 3 anos na Creche e Pré-escola – São Carlos – USP/Coseas. As famílias manifestavam o interesse em saber das atividades desenvolvidas com as crianças na creche e suas interações, visto que poucas crianças contavam. Partindo disso, as educadoras do grupo elaboraram um diário da turma, no qual seriam registradas as vivências mais significativas do grupo, brincadeiras, músicas, poesias, participação em eventos, comemorações, interações com outros grupos, descobertas e também acontecimentos individuais. Esse registro continha vários recursos visuais, como: fotos, desenhos, imagens, escrita da fala das crianças e descrição de atividades feitas pelas professoras. As crianças participavam da construção do registro em roda de conversa e podiam reviver as experiências enquanto viam as fotos e as professoras contavam o que estavam escrevendo. O diário foi tomando forma e significado para as crianças, pois continha a história do grupo. Para que o registro cumprisse sua função de comunicar as vivências da turma, cada família levou o periódico para casa num fim de semana. Assim, além de ler, conversar com seus filhos e compreender os relatos ali contidos, tinham a oportunidade de registrar os momentos mais marcantes do final de semana em família. Ao retornar à creche, a criança contava para o grupo o que estava registrado no diário. Era um momento muito esperado pelo grupo, todos queriam saber o que havia de novo no diário e contar o que haviam registrado com a família. O trabalho com esse instrumento deu visibilidade a criança respeitando as especificidades da faixa etária, valorizando seu modo de expressar e conhecer o mundo, considerando-a sujeito ativo de seu desenvolvimento. Possibilitou que as crianças, mesmo muito pequenas pudessem, ao revisitar suas experiências, organizar seus pensamentos, expressá-los com mais clareza, manifestar os momentos que consideraram mais importantes. Para as famílias, a ampliação da comunicação proporcionou maior envolvimento, aproximando educadores e famílias, criando um ambiente seguro, acolhedor e favorável a novas descobertas. Por fim, o diário foi um instrumento fundamental de reflexão para as professoras, possibilitando rever, repensar e replanejar a prática pedagógica.

Relato de Experiência

VISITA AS CRECHES E PRÉ-ESCOLAS DE PARIS 2011 – MODOS DE ATENDIMENTO A INFÂNCIA ABAIXO DE SEIS ANOS

MELLO, Ana Maria;
SOBRAL, Vivian Cristina D.
ROIZ, Luciane P.

Esse relato apresenta uma síntese do modo de atendimento à criança pequena que vive em Paris. As visitas foram feitas por dois professores da Creche e Pré - escola São Carlos e uma supervisora da Divisão de Creches Coseas USP-SP em julho de 2011. Foram visitadas creches e pré-escolas parisienses associativas e municipais. Em Paris todo bairro (arrondissement) tem uma Casa da Infância, com serviços para antes/depois do nascimento da criança, são espaços de referências predominantes para as crianças abaixo de seis anos e suas famílias. As imagens apresentadas nesse trabalho são de unidades dos quatro bairros parisienses [5ème, 15ème, 18ème e 20ème]. Para tanto foram estudados documentos de quatro bairros. Visitou-se por mais tempo a Crèche Saint-Fargeau - 20ème. Durante o primeiro semestre entrou-se em contato com a prefeitura deste bairro (mairie do 20ème arrondissement) apresentando as creches da USP e mostrando interesse em conhecer a creche mais antiga de Paris, ligada a Société d'Encouragement de la Race chevaline, chamada crèche laïque Saint-Fargeau. Com contatos locais, oportunizou-se ainda conhecer outros equipamentos para infância. Em 2010 teve-se também acesso ao livro *Les Jeunes enfants et la creche : Une histoire – à travers l'histoire de la creche laïque du Quartier Saint-Fargeau* que detalha esse percurso histórico. O autor *Alain Contrepois* (2006), descreve como tudo começou - essa creche foi inaugurada pelo Instituto Pasteur como forma de resistência aos movimentos moralizantes e higienistas predominante na época; inaugurada, portanto como obra laica municipal. A ideia era explicitar a força do movimento laico dentro da assistência, assim e em 10 de dezembro de 1888 a creche recebeu sua primeira criança. Eram filhos de costureiras e empregadas do pequeno comércio (floristas, jornaleiros), domésticas e serventes. Impressionou-nos a preservação dessa unidade; com o respeito pela história construída por tantos trabalhadores; um lugar que recebe crianças pequenas há 124 anos; um equipamento com a fachada do século XIX e toda a tecnologia de equipamentos do século XXI. As imagens irão retratar ainda essa articulação temporal, embora não revelem as reflexões, negociações que devem ter existido entre várias gerações de mulheres com seus filhos, que passaram por ali. Mulheres com seus trabalhos, com suas maternidades. Dessa forma na oportunidade dessas visitas combinou-se observar as possíveis contradições. Com o conteúdo analisaram-se as ideias sobre o que foi visto e o que foi lido sobre as experiências. Como a intenção das visitas era formar professores, mesmo sabendo que precisamos olhar muitas vezes para conhecer alguma experiência, optou-se nesse trabalho apresentar algumas impressões dos professores e da técnica-supervisora.

Relato de experiência

O TAPETE VOADOR

PARRAS, Silvia Elaine Martinez
BEDINOTTO, Fabrícia

No ano 2011, na Creche e Pré-escola - São Carlos - Coseas\USP, decidimos trabalhar lendas e histórias árabes, pouco abordadas na Educação Infantil, num grupo de crianças de 3 e 4 anos. Já havíamos percebido o interesse e a necessidade da turma em brincar de faz de conta. No entanto, notávamos que o grupo não conseguia lidar com os sentimentos trazidos por essas brincadeiras. Histórias com personagens como: bruxa, lobo, monstro, etc, despertavam nas crianças um medo com o qual não conseguiam lidar. Queríamos que as crianças vivenciassem seus medos reais no faz de conta para que pudessem, superá-lo e ampliar o repertório de histórias e personagens. O desafio de trabalhar esse tema estava em abordar o mundo árabe com seus hábitos, tradições, e sua cultura, afinal maioria das vezes, as informações vinculadas ao tema e divulgadas pelo senso comum e os meios de comunicação eram estereotipadas trazendo apenas aspectos negativos deste povo, isso se demonstrava na fala das crianças e suas famílias. Assim, precisamos buscar informações que respeitassem a cultura árabe e nos aproximassem daquele povo com suas características, diferenças e semelhanças, despindo o trabalho de preconceitos. Pesquisamos e recebemos informações de estudiosos da cultura árabe e realizamos dinâmicas com as famílias que possibilitaram discutir o assunto. Com as crianças, fomos trazendo aos poucos, elementos da cultura para fazer parte do cotidiano. Começamos assistindo ao filme “Aladim”, que já era conhecido pelas crianças, dando enfoque ao personagem ‘Tapete Voador’. Algum tempo depois as crianças encontraram um tapete (confeccionado pelas professoras) com características semelhantes às da personagem do filme. Com ele havia uma carta do Gênio da Lâmpada dizendo que para o tapete ficar com a turma, precisariam aprender a cuidar dele e conhecer o lugar de onde ele vinha. Assim iniciamos um trabalho de pesquisa com as crianças, através da leitura de histórias, pesquisa com as famílias sobre a geografia, alimentação, hábitos, vestimentas, arquitetura, músicas, etc. Cada descoberta era vivenciada pelas crianças trazendo novos elementos para o ambiente da sala, transformando-o e enriquecendo as brincadeiras da turma. Como mediadores desse processo, o grupo elegeu o Gênio da Lâmpada e o Tapete Voador e estes, por meio de cartas, se comunicavam com o grupo interligando o real e o imaginário. Para trabalhar a geografia e arquitetura, as crianças com suas famílias construíram maquetes que se tornaram brinquedos para a turma e para o restante da creche. Pesquisamos a culinária e fizemos um chá servido sob uma tenda decorada a caráter. Para as contações de histórias das mil e uma noites, fizemos uma tenda de tecidos e almofadas que era um marcador das histórias árabes. Construímos um castelo onde as crianças podiam experimentar as formas circulares das construções árabes e viviam suas histórias. Durante todo o projeto, recebíamos cartas do gênio que nos contava os costumes árabes. Assim, num contexto de faz de conta, rico em experiências significativas, as crianças puderam se apropriar de elementos da cultura árabe sem estereótipos, possibilitando uma relação étnico-racial saudável e respeitosa.

Pesquisa concluída - Iniciação Científica

AS FONTES DE RECEITA E O PADRÃO DE ATENDIMENTO DE UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL FILANTRÓPICA NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

PEREIRA, S. T; PINTO, J. M. R.

A política de atendimento à infância pobre no Brasil, desde o seu início, caracteriza-se pelo assistencialismo e pela presença de instituições filantrópicas. Estas instituições estiveram por um longo período ligadas aos órgãos de assistência social. Com a aprovação da Constituição Federal de 1988 e da legislação complementar, consolidou-se a noção do atendimento à infância como um dever do Estado e um direito das famílias. Com a incorporação das creches (0 a 3 anos) aos órgãos da educação, houve um crescimento da oferta em instituições públicas. Este crescimento, contudo, não foi suficiente para suprir a demanda por vagas, fato que aliado à focalização dos recursos no ensino fundamental e à municipalização desta etapa de ensino, ambos os fenômenos efeitos do Fundef, em conjunção com as propostas de reforma do Estado de cunho neoliberal, houve uma retomada dos convênios com instituições privadas de caráter não lucrativo. Assim, a presente pesquisa analisa as fontes de receita e o padrão de atendimento de uma instituição de educação infantil filantrópica do município de Ribeirão Preto que mantém convênio com a Prefeitura Municipal. Adota-se uma abordagem qualitativa, na modalidade estudo de caso. Como instrumentos foram utilizados a análise documental, a observação das condições de funcionamento da instituição, a participação do voluntariado e foram aplicados questionários (direção e equipe). Os documentos mostraram que 65% dos recursos recebidos pela instituição têm origem nos cofres públicos, em especial da prefeitura, que responde por 55% do total, e os 35% restantes advêm de empresas e de promoções diversas. Os gastos maiores são com folha de pagamento, porém cada professor recebe pouco mais de um salário mínimo em uma carga horária de 40 horas semanais. Nas observações, verificamos que os gastos com alimentos, materiais de limpeza e didáticos, assim como os brinquedos das crianças, em sua maioria, decorrem de doações. Observa-se, não obstante o esforço geral da equipe, condições de funcionamento bastante precárias em função do subfinanciamento. Concluimos que a prefeitura municipal é a principal financiadora da instituição, repassando um valor de R\$ 74,50 por criança/mês. Contudo apenas os recursos públicos não são suficientes para manter a instituição e na complementação do restante dos recursos gastos, ela necessita de angariar fundos através de empresas privadas e pessoas associadas, isso sem contar as promoções em que pais e funcionários são peças fundamentais.

XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI:
“Nós hoje e daqui pra frente: Histórias e Perspectivas”

13 a 16 de Fevereiro de 2012 - FFCLRP-USP



Comissão Organizadora

- Ana Cecília Oliveira Silva
- Ana Paula Soares da Silva
- Ana Maria de Araujo Mello
- Gabriella Garcia Moura
- Kátia de Souza Amorim
- Léo Pinheiro Salmin
- Ludmilla Dell'isola Pelerini de Melo Ferreira
- Maria Clotilde Rosseti-Ferreira
- Natalia Meireles Santos da Costa
- Regiane Sbroion de Carvalho
- Ronie Charles F. Andrade